



FLORESTAS NO SUL DA BAHIA, VARIAÇÃO E PERSPECTIVAS.

Eduardo Mariano-Neto

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB / Instituto Driades.e-mail: marianon@gmail.com

A cobertura florestal do sul da Bahia é extremamente variada, em virtude de uma grande diferenciação de solos, clima, relevo, e existência de grandes rios que também se constituem em importantes barreiras geográficas para diversos grupos biológicos.

Na faixa litorânea são encontrados os manguezais e as restingas, os primeiros associados às desembocaduras dos rios, na faixa de influência das marés, e as últimas cobrindo os depósitos arenosos decorrentes de transgressões marinhas do período Terciário. As restingas na Bahia podem compreender formações muito distintas do ponto de vista do porte das plantas e de sua composição. São encontradas tanto florestas sobre restinga cobrindo grandes extensões no extremo sul do Estado, como grandes campos arenosos, com elevada riqueza, apresentando espécies com distribuição disjunta entre litoral, campos rupestres e cerrados, estas ocorrem principalmente na região de Belmonte, próximos à foz do rio Jequitinhonha.

As demais florestas também apresentam grande variação. Ao sul do rio Jequitinhonha, na porção leste, são encontradas florestas de tabuleiro, e a oeste, na faixa de terrenos mais férteis e relevo mais acidentado, são encontradas as florestas estacionais semidecíduais. Nas áreas montanhosas da porção oeste, tem-se florestas montanas e campos de altitude, especialmente na divisa com o estado de Minas Gerais.

Entre os rios Jequitinhonha e das Contas, na porção leste, temos uma pequena faixa de florestas de tabuleiro que antecede uma grande porção de relevo movimentado da Bacia Metasedimentar Bahiana a oeste, esta segue no sentido sudoeste-nordeste, atingindo o litoral no município de Ilhéus. Na área desta formação existem solos mais férteis, com um tipo bastante distinto de floresta de terras baixas. Estas florestas apresentam porte elevado, algumas árvores com mais de 50m, e elevada riqueza de espécies e alto grau de endemismo. Aí são encontradas algumas espécies animais ameaçadas, como o macaco-prego do peito amarelo (*Cebus xanthosternos*) e mico-leão da cara dourada (*Leontopithecus chrysomelas*). Mais a oeste tem-

se o aparecimento de uma estação seca e de florestas estacionais semidecíduais e decíduais, e nas maiores elevações e sobre o planalto sul Bahiano, florestas diferenciadas, também com um forte gradiente de pluviosidade, contando com muitos elementos da fauna e flora do sudeste do país.

Ao norte do rio das Contas, tem-se principalmente relevos movimentados, com solos em geral mais férteis do que os encontrados nos tabuleiros, e florestas de porte alto. Em direção a oeste, após a faixa de montanhas, existem as sombras de chuva e florestas estacionais.

Traçado este panorama, a realidade atual é que estas florestas tão ricas e diferenciadas atualmente encontram-se reduzidas a menos de 4% da cobertura original, se descontados os plantios de cacau. Na porção sul do estado, tanto florestas de tabuleiro quanto estacionais deram lugar primeiramente a uma exploração madeireira de larga escala, à instalação de grandes extensões de pastagens e da monocultura da cana de açúcar, e atualmente aos grandes blocos de plantio de eucalipto. Entre os rios Jequitinhonha e das Contas e também ao norte deste último, as florestas deram lugar em sua quase totalidade ao cultivo do cacau. Ainda que em primeiro momento o cacau tenha sido plantado sob o sombreamento de árvores nativas (sistema conhecido como cabruca), diversos modelos mais modernos de plantio e a crise da lavoura cacauera levaram ao corte das árvores e sua substituição por espécies exóticas, extração madeireira desenfreada para capitalização dos fazendeiros, e atualmente, a conversão do plantio de cacau em pastagens.

As florestas estacionais de maneira geral foram convertidas em sua maioria em pastagens, e sobre o planalto de Conquista em cafezais, e posteriormente em pastagens. Grande parte destas pastagens da região das florestas estacionais apresenta baixa produtividade, devido ao desgaste dos solos por conta de métodos inapropriados, e algumas atualmente encontram-se dentro de áreas em processo de desertificação.

Associado a este quadro, tem-se também que a concentração fundiária e as diversas modificações dos sistemas de produção agrícola, em especial nos tabuleiros e na região cacaueteira, levaram ao aparecimento de um grande contingente de trabalhadores rurais sem terra e conflitos no campo. E em primeiro momento, invasões e assentamentos foram realizados preferencialmente em áreas contendo ainda cobertura florestal nativa.

Vale lembrar o grande papel que tiveram o governo federal e estadual neste processo, ao incentivar a atividade madeireira, incentivar a instalação de grandes projetos de monocultura e concentração de terra, realizar assentamentos em áreas de florestas, que correspondem geralmente aos piores solos da região, e permitir planos de manejo de corte de árvores em florestas primárias com critérios técnicos no mínimo duvidosos, ainda que a Mata Atlântica já estivesse sob proteção do decreto 750.

Este quadro só não é pior porque o sul da Bahia, ao se destacar em relação à sua enorme biodiversidade e altíssimo grau de ameaça, chamou a atenção da sua própria sociedade civil, comunidade científica e também de instituições internacionais.

ONGs, em conjunto com instituições de pesquisas, associações comunitárias, governo e setor produtivo tiveram e estão tendo papel fundamental no processo de tentativa de modificação da situação de ameaça à biota, e na busca de alternativas para conciliar a produção com a conservação dos recursos naturais.

E dentre as iniciativas conjuntas atuais, destaca-se o Projeto Corredor Central da Mata Atlântica, que consiste e uma nova abordagem dentro dos programas de conservação, pois o corredor é uma unidade de planejamento regional, cujos objetivos são a manutenção das Unidades de Conservação, aumento da área atual de florestas, e estabelecimento da conectividade entre as mesmas, e dentre as ações prioritárias para tal estão o fortalecimento do sistema de Unidades de Conservação, incentivo de atividades econômicas ambientalmente adequadas, e restauração de áreas como as APPs e Reservas Legais.

Esta unidade de planejamento só é possível devido a uma integração de técnicas de diferentes áreas, como biologia, geografia, ecologia de paisagens, sociologia, agronomia, economia, dentre outras, associadas a um profundo conhecimento da realidade ecológica, social e econômica de cada região enfocada pelo projeto.